



Quando nos pediram para fazer, na reunião do Colégio, uma comunicação sobre o ministério conjugal e familiar, pensámos imediatamente na noção que tínhamos do ministério sacerdotal. Este sim, vimo-lo de uma forma muito clara e habituámo-nos desde sempre a conhecer, perceber e sentir que os sacerdotes servem o povo de Deus.

Mas como nos foi pedido a nós, casal das ENS, que falássemos do Ministério Conjugal, tentámos recordarmo-nos desde quando começámos a ter esta noção.

É certo que sempre se reconheceu de uma ou de outra forma a missão dos pais dentro da Igreja. Embora S. Tomás de Aquino já falasse deste ministério, comparando-o ao da Ordem, foi no Vaticano II e depois em documentos posteriores que mais se reconheceu este serviço e principalmente é a "*Familiaris Consortio*" que fala clara e amplamente do ministério conjugal e familiar: "*Todos os membros da família, cada um segundo o seu dom próprio, têm a graça e a responsabilidade de construir, dia a dia, a comunhão das pessoas com o serviço recíproco de todos os dias, partilhando bens, alegrias e sofrimentos*" (§21).

Recordamos a nossa expectativa quando Paulo VI na "*Evangelii Nuntiandi* 71" nos comunicava de facto algo de novo, referindo-se expressamente à família com estas palavras "*Em diversas ocasiões da história e no Vaticano II, ela mereceu muito bem o nome de Igreja Doméstica. Isto significa que, em cada família cristã, se deveriam reflectir os diferentes aspectos da Igreja global. Por outro lado, a família, da mesma maneira que a Igreja, deve ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e a partir do qual se irradia. Por isso, na família consciente desta missão, todos os seus membros evangelizam e são evangelizados*".

Assim já achamos possível falar-vos do **Ministério Conjugal**, falar-vos do serviço que temos prestado um ao outro e os dois aos filhos. Só nesta partilha recíproca o Evangelho foi transmitido e aceite por todos.

Como não temos preparação teológica nem pretendemos apresentar grandes teorias sobre um ministério que os casais aqui presentes praticam tão bem ou melhor que nós, e como estamos em família, - local ideal para partilharmos o que temos e o que somos - tomaremos então a nossa vida como referência para vos contar como temos exercido o nosso ministério.

Vamos então partilhar convosco o que tem sido estes 38 anos de vida em comunhão que servirão de certo para a nossa salvação. Como diz S. Paulo em - "*2 Coríntios 5,15 - Ele morreu por todos, afim de que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou*".

O Senhor distribuiu ao casal e a cada um pessoalmente diversos carismas, não para glória pessoal mas para servir o outro, e para que ao recebermos o dom do Espírito pudéssemos manter o Seu amor de forma a que a salvação de um passasse pelo outro.

Para seguir uma orientação mais ou menos lógica e para que haja uma consonância com o percurso que fizemos, escolhemos um esquema para mais facilmente abordar este tema: Como é de serviço que vos vamos falar, considerámos três áreas: **Serviço ao outro, serviço aos filhos, serviço à Igreja.**

Escolhemos ainda uma variável comum e pusemos-lhe um nome : **Amor**

1 . Amar Cristo nos outros

Na realidade fomos privilegiados por este Amor. O Senhor chamou-nos pessoalmente e servindo-se da nossa condição humana, anunciou-nos realidades divinas, pondo no coração de cada um o outro, dizendo-nos de uma forma muito clara que iria precisar da nossa ajuda para que este amor se realizasse.

É inegável: Deus ama-nos... então amemo-Lo nós também!

De facto, quando namorávamos e fazíamos um ao outro promessas de amor eterno, não sabíamos até onde estes votos nos levariam... Sabíamos sim, e só, que tínhamos o mesmo ideal e que o amor que sentíamos um pelo outro orientaria todo o nosso projecto de vida.

Cuidarmos deste ideal e mantê-lo sempre vivo foi e é para nós prioritário, transformando-o na bússola que nos tem ajudado na travessia do oceano, evitando que as voltas da nossa vida fossem ao sabor das ondas. Nele depositámos todos os nossos sonhos e esforços para construir uma família, onde juntos, mas cada um com o seu próprio dom, criássemos um espaço em que todos nos servíssemos uns aos outros. A fé alimentar-nos-ia e a esperança não nos deixaria sucumbir nas quedas e fracassos.

Ao sairmos das casas dos nossos pais trouxemos connosco a estabilidade das nossas famílias, um jeito de estar na vida, de a compreender e de a dar aos outros, ouvindo sempre a voz que nos chegava do monte dos Bem-Aventuranças. Ela ia ritmando a nossa vida e fazia-nos regressar todos os dias ao mais genuíno do nosso baptismo, cultivando cada um a sua especificidade, feminina e masculina.

O conteúdo deste sacramento salvífico purifica-nos, ajuda-nos a passar do pecado para a graça, da morte para a ressurreição. A fé sacramental do baptismo liberta-nos, transforma-nos e ao mesmo tempo compromete-nos.

Nenhum de nós nasceu com uma liberdade completamente madura e esclarecida e vezes sem conta o egoísmo escravizou-nos, enganou-nos e tentou desviar-nos da nossa rota.

Por isso a nossa união tem sido puro caminho, onde nos sentimos guiados pelo olhar de Deus, onde têm acontecido encontros e desencontros, onde por vezes sentimos medo e tédio, mas sempre caminho que nos levará ao Pai, porque quando ultrapassamos este medo e tédio saímos mais fortes e revigorados. O nosso amor, como o de qualquer outro casal unido pelo sacramento do matrimónio, é de tal forma único que como dizia o Cardeal Danneels "*É preciso conservá-lo e propô-lo ao mundo, apesar de todas as feridas e fracassos*".

Camões grande poeta português e que tantos sonetos consagrou ao amor, afirma que o "*amor é fogo que arde sem se ver... e uma dor que desatina sem doer*".

Quando se ama verdadeiramente, sofremos também muitas vezes e esse sofrimento torna-nos frágeis e inseguros. Cada um terá tido, sem dúvida, esta experiência no decurso da sua vida e Deus estava lá - encoberto, silencioso, mas sempre presente.

Ele ensinou-nos a aprender as pequenas coisas e a fazer da nossa vida uma continua comunhão. Sabemos que o amor entre um homem e uma mulher unidos pelo matrimónio é animado e impelido por um dinamismo interior que o conduz sem cessar a uma comunhão cada vez mais profunda e intensa.

Aprendemos também a eliminar das nossas conversas o que mais nos separava, o que nos tornava estranhos e até por vezes inimigos, agravando diferenças e divergências.

Aprendemos a servirmo-nos um ao outro, a ouvir e a dar, a entender os silêncios envergonhados, a compreender que o outro nos quer dizer "sim", embora as suas palavras digam "não".

Descobrimos que quando o outro perdoava gratuitamente curava-nos as feridas. Perdoar nem sempre é fácil, mas é sempre necessário, porque perdoar implica também aceitar as nossas imperfeições. Ao fim destes anos aprendemos que não há ofensas imperdoáveis por muito que nos façam sofrer e nos firmam no mais fundo de nós mesmos.

Treinámo-nos mutua e pacientemente, percebendo que quem mais e melhor ama é aquele que se preocupa em ensinar a perdoar, nunca esquecendo que o Senhor nos confiou um ao outro e que nos deu um dom que não se esgota na celebração do matrimónio mas acompanha-nos ao longo da nossa vida.

Não há dúvida que as atitudes que transmitimos através do perdão mútuo são decisivas para criar na família um ambiente de compreensão, paciência e paz. Será muito mais fácil fazer compreender o sentido e a necessidade do sacramento da penitência se o praticarmos e ao testemunhá-lo gozaremos plenamente dos seus benefícios. Perdoar e ser perdoado faz permanecer Deus no meio de nós.

Acreditamos que nos estamos a evangelizar um ao outro na existência diária, permanente, através de palavras, gestos, atitudes, comportamentos, actos.... pelos quais o Evangelho vai penetrando a pouco e pouco toda a nossa vida.

Ambos fomos ministros do sacramento do matrimónio para que ele fosse um sinal permanente de amor indissolúvel da nossa união tal como a unidade de Cristo com a sua Igreja.

"O homem deixará pai e mãe e ligar-se-á à mulher e passarão os dois a ser uma só carne - Gen 20-24". Como é grande este mistério!

O amor ganha então nesta união *"os dois passarão a ser uma só carne"* a sua expressão máxima. Sem corpo não existiria comunicação humana, é o corpo que permite o encontro, a comunhão do amor total.

Também aqui a entrega tem de ser recíproca e total. A nossa união teve de passar pela constante aprendizagem e valorização do outro, porque se é pelo corpo que a linguagem do amor encontra o lugar mais alto da sua expressão, é pela sexualidade que temos possibilidade de viver e experimentar as mais verdadeiras relações interpessoais.

Não estará então no casal o espaço privilegiado para que se viva e ensine a viver a verdadeira e autêntica sexualidade selada com a fidelidade do amor? Nela está expressa o verdadeiro amor, é nela que os dois se oferecem e se oferecem mutuamente aos filhos. Os filhos são afinal a manifestação da graça que Deus nos deu e nós recebemos, do amor que se fez carne mas que supera o humano e atinge quase o Divino.

O verdadeiro acto de amor está no facto de esta entrega ter um significado de doação recíproca e total, independentemente de poder ou não ser fecundo. Existe sempre uma fecundidade implícita mesmo que não aconteça transmissão de vida.

Numa época em que a sexualidade está tão mal tratada, tão aculturada, não seremos nós, casais cristãos, chamados a intervir, dando testemunho daquilo que acreditamos e praticamos? Quanto mais nos debruçamos sobre tudo isto, melhor entendemos, que a nossa vida só tem sentido pleno quando integrada numa união total dos dois em Cristo.

Com efeito, é como pessoas distintas que nos realizamos em Cristo e é distintos e diferentes que nos realizamos em casal, conhecendo e respeitando a pessoa total que existe no outro, mas ambos integrados numa espiritualidade conjugal.

Uma espiritualidade desencarnada jamais poderá ser nossa, homem e mulher que vivemos neste mundo... embora não sejamos deste mundo....

2 . Serviço aos filhos

Foi com todos os nossos defeitos e virtudes que Deus ao permitir a nossa união sacramental, nos concedeu o selo da fecundidade. Não só esta que se toca e teve a sua expressão máxima nas nossas filhas, mas também na maravilhosa fecundidade espiritual, no testemunho da caridade que nos é continuamente exigido neste caminho que em família nos propusémos fazer.

Passar o testemunho de fé e vida às nossas filhas foi para nós uma vez mais um factor de união para que o serviço que lhes prestávamos fosse sempre feito em nome do Senhor. Quisemos e tentámos desde sempre ter uma relação com espírito de pobreza e humildade no que toca à posse das nossas filhas. Humildade no aceitar a vontade de Deus a seu respeito, humildade no dia a dia, no falhar consecutivo na nossa missão de educadores.

Entendemos que são seres que Deus nos confiou e do nosso desprendimento e humildade teremos de Lhe dar contas. Participar na preparação dos seus baptismos, primeiras comunhões, confirmações e casamentos foi muito importante nas nossas vidas. Prepararmos estas festas num ambiente de grande alegria, mostrando-lhes a etapa que venciam, do momento decisivo que viviam e do crescimento cristão que estava a acontecer nas suas vidas. Por tudo isto se ter tornado possível, e lhes termos transmitido o valor e necessidade do elemento religioso nas suas vidas, damos graças a Deus.

Assustava-nos extremar valores na sua educação porque acreditávamos que facilmente cairíamos na destruição da unidade familiar. De facto é difícil, mas aliciante, conseguir um equilíbrio entre liberdade e justiça, direitos e deveres, exigência e condescendência.

A liberdade e o respeito pelos filhos, a aceitação da pluralidade de opções, o reconhecimento dos seus conceitos sociais ou culturais não nos devem deixar indiferentes.

Sentíamos frequentemente como era necessário pararmos de vez em quando e, em conjunto, fazermos uma revisão, um reajustamento ao método usado no nosso serviço de pais.

Cada um sabia bem das dificuldades do outro, das alegrias íntimas, dos desânimos escondidos, da palavra a dar sobre o caminho percorrido e no caminho a percorrer e só com uma grande união, para receber e dar ajuda nesta tarefa tão grande, conseguimos arranjar forças para continuar o nosso ministério.

Ser ministros na família significa também aceitar as tensões existentes no seu seio, não como irremediáveis, mas assumidas como parte essencial do próprio crescimento.

Cabe-nos a nós, pais, vivê-las numa perspectiva de fé, porque vão balizando caminhos, através das sucessivas opções que os filhos vão aprendendo a fazer, ajudados a crescer na fé pelo nosso testemunho, muitas vezes silencioso, mas perseverante, destes anos que tentamos viver segundo o Evangelho.

A célula familiar requer estabilidade e segurança onde também o suporte económico tem grande importância. Como viver e fazer viver aqui o Evangelho, quando nos é dito para não nos importarmos com o dia seguinte?...

No *"tudo o mais vos será dado por acréscimo"* está a segurança do pão de cada dia, os valores de entajuda fraterna que a família, ao tornar-se cada vez mais comunidade cristã, desenvolverá pondo a render os seus talentos.

A educação das filhas e toda a nossa subsistência levou-nos continuamente a ter de escolher entre isto e aquilo, e não é fácil resistir para não escorregar e cair no consumismo exagerado e no materialismo.

Neste mundo materialista por vezes as tensões agudizavam-se e frequentemente sentíamos-nos interpelados pelas nossas filhas em nome do Evangelho. Aceitar esta confrontação, ou

progredir nela para se servir melhor, tem sido essencial não só para a formação das nossas filhas, como para o nosso crescimento.

Por vezes, dávamos por nós a fazer e a dizer coisas que seriam impossíveis sem a presença real de Deus. Os pais, como ministros do seu casamento, que se vai realizando dia a dia, fazem uma actualização dinâmica da graça matrimonial que Deus lhes distribui permanentemente para que ela seja derramada diariamente sobre toda a família.

Para falar do ministério conjugal não basta que cada membro tenha fé, é necessário que cada membro esteja disposto a comunicar essa fé aos outros, a permutá-la, vivê-la, exprimi-la em todas as relações, principalmente nas familiares.

É neste ambiente familiar que sentimos com maior verdade o que é a marcha para o Pai, porque o crescimento das filhas e dos netos, com a velocidade da juventude e não com o passar lento dos nossos anos, dá-nos perfeitamente a noção do provisório, ajudando-nos a recusar a instalação e aceitando o amanhã com Deus.

Ajudar ainda a educação e formação dos netos onde, com outro olhar e mais doçura, podemos saborear a beleza de um desabrochar é ainda uma graça que Deus nos concede.

Na realidade, o amor e a caridade que existem na vida familiar contêm simultaneamente duas forças com duas vertentes distintas: "ad intra" e "ad extra". Pela primeira, a família realiza-se no seu interior, fazendo do amor e caridade os dois princípios fundamentais das relações entre pais, filhos e irmãos, de modo que as tensões se resolvam na fé estimulada pelo Evangelho. Na segunda, a família procura inserir-se na Igreja e no mundo, tornando-se cada vez mais aberta e comunicativa, promovendo relações assentes no amor, na liberdade e na justiça.

3 . Serviço à Igreja

Se a Igreja é ponto de referência para a família, também a família é ponto de referência para a Igreja.

Pensamos que a Igreja não pode deixar de se rever em nós, famílias cristãs e pequenas comunidades, pedras vivas sobre as quais se edifica.

Para vos falar do serviço que temos prestado nesta área lembramos mais uma vez a "*Familiaris Consortio-49*" que passamos a citar: "*Entre os deveres fundamentais da família cristã está o dever eclesial: colocar-se ao serviço da edificação do Reino na história mediante a participação na vida e missão da Igreja*".

Por motivos profissionais, nos primeiros anos de casados, estivemos em vários locais em África e Portugal. Situações diversas, umas mais fáceis de suportar que outras, mas todas, foram importantes para nos darem a noção perfeita da peregrinação que andamos a fazer.

A vida que vivemos ajudou-nos a criar uma disposição interior que facilitou a recusa à instalação e a necessidade sentida de integração imediata na comunidade onde passávamos e temporariamente residíamos. A graça de conhecer as E.N.S., quando éramos muito novos, contribuiu para nos despertar a vontade e responsabilidade de ajudar os outros casais a assumirem tarefas comunitárias.

Conhecer a comunidade familiar em África foi uma graça, que funcionou como estímulo, para rapidamente nos integrarmos na realidade daqueles terras e poder avaliar as suas carências e a necessidade que tinham de ajuda.

A água do baptismo que ajudámos a lançar sobre algumas cabeças, deu-nos uma alegria imensa. Lavou-nos muitas feridas e serviu de alimento quando o desânimo nos invadia porque nem tudo corria como queríamos e as dificuldades eram grandes, agravadas com o afastamento da família a diferença de culturas e mentalidades.

De facto, África é uma terra cheia de sede de justiça e todos nós devemos indicar àquele povo a forma de a saciarem na "Fonte de Água Viva".

Também, por vocação, andámos durante dez anos de mãos dadas com os jovens, jovens que com toda a alegria e vigor puxaram por nós.

Durante estes anos que trabalhámos na Pastoral Juvenil fizemos um caminho pedagógico de crescimento mútuo, para que, a partir do que recebíamos de Cristo, pudéssemos conduzir e ser conduzidos, mas onde sempre recebemos mais do que demos.

Éramos constantemente interpelados e postos em confronto com a verdade de vida que anunciávamos e a vida que vivíamos!

Sabem tão bem como nós como os jovens são exigentes!

Mas também graças à sua generosidade, que é imensa, evitaram-nos grandes desvios, exigindo-nos uma procura constante no reconhecimento das faltas que íamos cometendo e que contribuíamos, de certo, para a formação que lhes queríamos proporcionar.

Dentro desta perspectiva considerávamos necessário estimular a espiritualidade, rezando juntos, anunciando a palavra de Deus que os orientava num caminho onde o amor era sempre valorizado. Tinham sede da verdade e queriam que lhe falássemos de tudo sem ambiguidades.

Esta dinâmica levou-nos à necessidade de prepararmos em casal os temas mais actuais, procurando dar-lhes sempre uma orientação cristã, o que muito contribuiu para o nosso enriquecimento e crescimento espiritual. Oportuna e gradualmente íamos formando e orientando a sua vocação matrimonial, ensinando-os a respeitar a sexualidade na sua verdadeira dimensão e não usá-la como objecto. Sentíamos assim a necessidade de lhes transmitir a responsabilidade pela vida humana.

Queríamos muito que tudo quanto lhes disséssemos fosse fruto da nossa fé sempre viva e que ao testemunharem a nossa união conjugal, física e espiritual, não lhes restassem dúvidas sobre a realidade do nosso amor.

Acreditávamos no que fazíamos, porque sabíamos que a educação sexual ajuda os adolescentes a descobrir os valores profundos do amor, embora alguns, por vezes, nos decepcionassem com teorias materialistas sobre o assunto. Também sabíamos, embora eles na altura não o confessassem, que as referências e os valores éticos que lhes transmitíamos eram muito importantes para o rumo das suas vidas.

O Senhor proporciona-nos sempre meios de salvação deixando que o Seu espírito nos ilumine e conduza, em cada momento, à missão de serviço mais adequada.

As Equipas de Nossa Senhora são para nós o local onde o carisma evangelizador das famílias se manifesta com um sentido de unidade e especialidade muito próprios.

A nossa pertença e disponibilidade a este Movimento de Igreja, e não a outro qualquer, foi a resposta sem condições ao carisma das ENS.

Aqui temos encontrado solução para muitas das nossas necessidades e aspirações mais profundas: A tranquilidade e a paz que sentimos ao encontrar estas respostas tem-nos levado a aceitar todos os apelos que o Movimento nos tem feito, embora conscientes das nossas limitações e fraquezas.

Porque comungamos deste espírito, sentimo-nos obrigados a actuar da mesma forma, para que esta riqueza não se perca e para que haja cada vez mais casais a quererem pertencer às ENS.

Este dom de Deus, que acolhemos reconhecidamente, não o devemos guardar para nós próprios, mas antes partilhá-lo com outros casais, como lembra *"S. Lucas - 12 vers. 48"* - *"a quem muito foi dado, muito será pedido; a quem muito foi confiado, muito mais será exigido"*.

Por muita importância que se queira dar à educação da fé e à transmissão de valores, estamos convencidos de um princípio elementar: ninguém transmite o que não tem, ninguém educa naquilo em que não acredita...

Assim fomos avançando, seguindo o Senhor, unidos e fortalecidos por um amor especial, que nos dava também uma apetência especial para nos preocuparmos com os que sofrem, os que têm fome, mas principalmente com todos aqueles que não têm família para que, num processo natural, possamos extravasar todo o amor que recebemos do Pai.

Considerações finais

Depois de tudo quanto vos dissemos, das confidências que fizemos, consideramos que foi abuso da nossa parte fazer-vos ouvir esta comunicação. Ficamos com a sensação, ou melhor com a certeza, que o tema não foi convenientemente tratado, apesar de o termos feito com toda a humildade e carinho.

Damos graças a Deus por podermos revisitarmos o nosso passado sem ficarmos carregados de nostalgia ou tristeza, na certeza que Deus fez connosco uma aliança e é fiel às suas promessas, ajudando-nos sempre a abriremo-nos ao futuro.

Nem o ideal do matrimónio nem o da família são realidades já alcançadas, mas objectivos pelos quais continuamos a lutar. Continuamos a querer que na nossa família exista ambiente de conversão e reconciliação permanentes e que continue a ser lugar de esperança.

O Senhor não veio indicar-nos o caminho das situações fáceis e cómodas, mas o da salvação que passa sempre pela cruz. É n'Ele que temos a medida e o padrão de todo o trabalho pastoral que devemos realizar.

Tal como Maria, que aguardou com confiança o nascimento do Seu Filho, acreditando na palavra do anjo Gabriel, mesmo durante os longos períodos em que nada acontecia, continuaremos sempre confiantes e expectantes. Que Maria nos continue a ensinar a acreditar no Seu Filho, que morreu e ressuscitou por nós, para que fossemos testemunhas de Esperança, através da palavra e da vida.

Que todos os casais adoptem como exemplo a Sagrada Família da Nazaré, onde o Filho partilhou toda a intimidade com Maria e José.

Afinal foi num lar normal, onde se equilibravam os silêncios e as palavras, que a água viva brotou para o mundo, irrigando montes e vales... chegando até aos confins da terra...

* * *